



ISSN 2763-6739



MESTRADO
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

**Um estudo sobre o diagnóstico do autismo:
entre a idealização da criança perfeita
e as expectativas para o futuro escolar**

<http://doi.org/10.5212/RevTeiasConhecimento.2025.24051>



Caíla Feitosa de Oliveira*

<https://orcid.org/0000-0001-5456-2496>



<https://lattes.cnpq.br/5508829128763497>



Fabrcia Gomes da Silva**

<https://orcid.org/0000-0002-1342-334X>



<http://lattes.cnpq.br/1058903233552435>



* Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí. Membro do grupo de estudos em educação inclusiva - GEEI.
Email: feitosacailaoliveira@gmail.com

** Professora da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Mestrado em Educação (UECE). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Especialista em Neurociência e Educação. Licenciada em Pedagogia (URCA). Líder do Grupo de Estudos em Educação Inclusiva (GEEI/UESPI) CNPq.
E-mail: fabriciagomes@pcs.uespi.br

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

RESUMO: O presente estudo tem como tema: um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar. Embora um assunto que vem tomando grandes proporções e discussões, ainda existe pouco conhecimento acerca da realidade por trás nas famílias quando se tem um diagnóstico. O principal objetivo deste trabalho foi analisar como se dá o processo de aceitação familiar sobre o diagnóstico de autismo em interface com a relação do professor com esse aluno autista. A metodologia se fundamentou na pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo. Com bases nos autores como Gaiato (2019), Pereira e Brito (2022), Vidal, Andrade, Silva (2022). Como instrumento de dados foi utilizado um questionário onde foi possível compreender um pouco da realidade dessas famílias, o instrumento foi enviado através de um grupo de WhatsApp que é composto por diversas mães que tem crianças com TEA. As participantes foram seis pessoas do Projeto TEAmo Picos da cidade de Picos do Piauí, como também duas da cidade de Wall Ferraz do Piauí e uma através de contato pessoal da pesquisadora. Esses dados foram coletados através da devolutiva dos questionários e, assim, se deu a análise. São grandes batalhas enfrentadas pelos responsáveis para a aceitação do TEA, como também os desafios e anseios acerca da inclusão dessas crianças na escola. Como resultado entende-se que são grandes batalhas enfrentadas pelos responsáveis para a aceitação do TEA. Dessa forma considera-se importante ter conhecimento acerca da realidade das famílias quando possuem um diagnóstico de modo a auxiliá-las e assisti-las em suas necessidades, dever este do Estado em parceria com os serviços e instituições que podem influenciar nesse processo da aceitação à “luta” por dignas condições de vida para as pessoas com TEA.

Palavras-chave: Autismo; Diagnóstico; Família.

A study on the diagnosis of autism: between the idealization of the perfect child and expectations for the future at school.

ABSTRACT: The theme of this study is: A study on the diagnosis of autism: between the idealization of the perfect child and expectations for the future at school. Although it is a subject that has been taking on great proportions and discussions, there is still little knowledge about the reality behind the diagnosis in families. The main aim of this study was to analyze how the process of family acceptance of an autism diagnosis interfaces with the teacher's relationship with this autistic student. The methodology was based on qualitative, bibliographical and field research. Based on authors such as Gaiato (2019), Pereira and Brito (2022), Vidal, Andrade, Silva (2022). As a data instrument, a questionnaire was used to understand a little about the reality of these families, the instrument was sent through a WhatsApp group that is made up of several mothers who have children with ASD. The participants were six

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

people from the TEAmo Picos Project in the city of Picos do Piauí, as well as two from the city of Wall Ferraz do Piauí and one through personal contact by the researcher. This data was collected by returning the questionnaires and analyzing them. There are major battles faced by those responsible for accepting ASD, as well as the challenges and anxieties about including these children in school. As a result, it is understood that there are major battles faced by those responsible for accepting ASD. It is therefore important to have knowledge about the reality of families when they have a diagnosis in order to help and assist them with their needs, which is the duty of the State in partnership with the services and institutions that can influence this process from acceptance to the "fight" for dignified living conditions for people with ASD.

Keywords: autism; diagnosis; family.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista, também conhecido como TEA, apresenta-se como um transtorno de neurodesenvolvimento, no qual é perceptível a dificuldade de comunicação, de interação social, comportamentos restritos e repetitivos. De acordo com Gaiato (2019, p.22): "o próprio nome transtorno do espectro autista já nos dá a ideia de amplitude e variedade". Por conseguinte, é um transtorno que se manifesta em diferentes níveis, e maneiras diversas.

Desde o momento em que uma mãe descobre uma gravidez, logo já são criadas inúmeras expectativas. Mas quando a criança cresce e percebem as diferenças de comportamentos, geralmente passam a ter certa resistência em aceitar o que podem ser sinais de algum transtorno. De acordo com Gaiato (2019, p.52) "os pais nunca estão preparados para a notícia de que seus filhos apresentam traços do espectro do autismo. Por mais que desconfiem, a confirmação de um especialista é algo bem diferente." O recebimento de um diagnóstico impacta bastante as famílias por conta do medo, mas, ao mesmo tempo, tê-lo é importante para que através disso a criança percorra por um melhor caminho juntamente com os especialistas.

Quando as crianças estão inseridas nas escolas regulares, os professores geralmente são as primeiras pessoas a perceber alguns sinais de alerta. Dessa forma, para Gaiato e Teixeira (2018, p.56): "[...] a precocidade do diagnóstico e do tratamento

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

é fundamental para ajudar no prognóstico e permitir que a criança seja tratada desde a idade pré-escolar [...]." O educador também possui um papel importante nesse processo, tanto de alertar os pais, como de construir uma ponte de confiança com essa criança para que o mesmo consiga ajudar no processo de desenvolvimento do aluno.

Partindo desse delineamento, pergunta-se: Diante do diagnóstico de autismo, como é o impacto nos pais e responsáveis? A partir da qual surgem indagações como: quais as primeiras ações após o diagnóstico? Quais as expectativas sobre a vida escolar da criança?

Mediante essa problemática pretende-se alcançar as seguintes hipóteses: que ao receber o diagnóstico de TEA, a família vivencia uma queda de expectativas da criança que planeja, quebrando os "sonhos"; A rotina da mesma muda após o diagnóstico e pede uma reorganização de todos; Nessa conjectura, é necessário aceitar e buscar as intervenções necessárias o quanto antes para o melhor desenvolvimento da criança;

Diante dessas hipóteses, esse estudo tem como objetivo: Analisar como se dá o processo de aceitação familiar sobre o diagnóstico de autismo, em interface com a relação do professor com esse aluno autista. No que se refere aos objetivos específicos, a pesquisa se propõe a Sondar o contexto da busca do diagnóstico do autismo; Identificar as possíveis adaptações vivenciadas pela família diante do autismo; Verificar os principais desafios da mudança da rotina pós diagnóstico; Investigar quais as expectativas para a vida escolar diante do diagnóstico de TEA.

A partir de experiências vivenciadas, o interesse pelo tema se deu através do contato pessoal da pesquisadora com uma família que, ao receber o diagnóstico de TEA em um de seus filhos, passou a vivenciar momentos difíceis em suas relações.

Percebe-se que esse estudo pode contribuir bastante para a sociedade, para que através do mesmo as pessoas possam ter um olhar mais empático pelas famílias de crianças autistas. Dessa forma, se faz imprescindível que sejam feitos mais

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

estudos como estes, com o intuito de mostrar a realidade das famílias após um diagnóstico de autismo.

A metodologia desse estudo é de abordagem qualitativa. Nesse viés, a pesquisa qualitativa refere-se a como “a análise dos dados [...] passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador” (Gil, 2008, p. 175). Como método, foram escolhidos a pesquisa bibliográfica e de campo, e a exploratória. Participaram nove famílias que possuem crianças com transtorno do espectro autista. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário via plataforma online. Por fim, foram base para esse estudo autores como Gaiato (2019), Silva, Gaiato, Reveles (2012), entre outros.

Esse artigo se divide em: Introdução, três tópicos teóricos que são: Transtornos do espectro autista, Impacto do diagnóstico de autismo na família, A relação professor e aluno autista em interface com a inclusão, Metodologia, Análises e Discussões de Dados e as Considerações finais e Referências.

2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Quando jogamos uma pedrinha em um lago de água parada, ela gera várias pequenas ondas que formam camadas mais próximas e mais distantes do ponto no qual a pedra caiu. O espectro autista é assim, possuindo várias camadas mais ou menos próximas do autismo (grave), que poderia ser considerado o centro das ondas, o ponto onde a pedra atingiu a água. E, em virtude a isso, esse espectro pode se manifestar nas pessoas de diversas formas, sendo bastante variado, mas, em alguns casos, terão alguns traços similares, visto que, afinal, todas as ondulações derivam do mesmo ponto (Silva; Gaiato; Reveles, 2012). Dessa forma, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – V (American Psychiatric Association, 2014, p.31) caracteriza o autismo da seguinte forma.

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficit na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

interação social e em habilidades para desenvolver manter e compreender relacionamentos.

Algumas funções neurológicas não se desenvolvem de uma forma típica, afetando assim as respectivas áreas citadas. O indivíduo com autismo costuma apresentar esses sinais ainda nos três primeiros anos de vida, no qual pode não desenvolver essas habilidades ou regredir em algumas funções.

Cabe destacar que o DSM-V (2014) é usado como uma forma de classificar os transtornos, com critérios para facilitar os diagnósticos e, assim, oferecê-los de forma mais confiável. Ou seja, é uma espécie de guia prático bastante flexível onde a obtenção de informações é rápida e possuem uma leitura clara e objetiva, e, assim, torna-se uma grande ferramenta para os profissionais.

Esse manual divide o autismo nos níveis um, dois e três, sendo eles definidos de acordo com o suporte que a pessoa necessita. No nível um, as pessoas precisam de pouca intervenção. No nível dois precisam de um pouco mais de apoio e os comportamentos são mais visíveis para as outras pessoas. No nível três, a pessoa precisa de muita intervenção e as características aparecem de forma mais grave.

O diagnóstico de autismo é feito por meio de observação comportamental, por médicos especialistas, como neurologistas e psiquiatras infantis. Durante a consulta o comportamento da criança é avaliado, e seus responsáveis relatam como a mesma se porta em casa, e, caso já esteja inserida na escola, o professor também poderá ajudar, relatando como é o aluno em sala de aula. Nessa mesma linha de raciocínio, o DSM-V (2014, p. 53) alega que “os diagnósticos são mais válidos e confiáveis quando baseados em múltiplas fontes de informação, incluindo observações do clínico, história do cuidador e, quando possível, autorrelato”.

Esse diagnóstico deve acontecer o mais rápido possível, visto que, quanto mais cedo se iniciar o tratamento, melhor poderão ser os resultados alcançados e mais chances essa criança terá de reestruturar seu cérebro. As intervenções ajudam para uma melhora na vida desse indivíduo, sendo assim, isso requer um acompanhamento

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

com profissionais como fonoaudiólogos, que, juntamente com a terapia comportamental, vão auxiliar no desenvolvimento da comunicação verbal e não verbal. A terapia ocupacional vai trabalhar as habilidades cotidianas, desenvolvendo assim a autonomia e a independência da criança. (Gaiato, 2019)

Nesse contexto, por conta dos autistas apresentarem comportamentos restritos e repetitivos, muitas pessoas têm por certo que esses indivíduos são extremamente fechados, que não dialogam com os demais, se tornando assim alguém isolado. Dessa forma:

Quando se ouve a palavra “autismo”, logo vem à mente a imagem de uma criança isolada em seu próprio mundo, contida numa bolha impenetrável, que brinca de forma estranha, balança o corpo para lá e para cá, alheia a tudo e a todos. (Silva; Gaiato; Reveles, 2012, s/p).

Pode-se perceber que existem muitos mitos em relação à pessoa autista, e que a sociedade geralmente continua os vendo como seres incapazes, que não possuem autonomia. Diante desses olhares, é importante que as pessoas se empenhem em desmistificar essas concepções ainda existentes. Sendo que

É necessário quebrar antigos paradigmas, eliminar as culpas e aprender a despertar e a valorizar os talentos inatos de cada indivíduo. Não devemos nos deter nas suas dificuldades, mas sim viabilizar as potencialidades, sempre visando a independência, autonomia, socialização e auto-realização de quem vive e se expressa dessa maneira tão peculiar. (Silva; Gaiato; Reveles, 2012, s/p).

É necessário que sejam quebrados esses paradigmas em relação à pessoa autista, para que a mesma consiga ser incluída na sociedade, enquanto o diagnóstico é importante para os pais procurarem as intervenções adequadas. Cada criança é única e será avaliada de forma diferente, de acordo com os sinais em que apresenta. Os responsáveis, desde o momento que percebem os atrasos, devem procurar ajuda especializada, pois as intervenções devem começar o mais rápido possível.

Segundo Gaiato (2019, p. 85), “a intervenção deve ser feita na clínica, na casa e na escola da criança. Todas as pessoas do convívio precisam ser orientadas. São necessárias muitas horas de intervenção (...).” Os pais devem dar

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

continuidade às estimulações em casa, proporcionando ambientes lúdicos em que as crianças possam estar se desenvolvendo. A escola também é um ambiente em que se faz grande aproveitamento, pois é onde o aluno passa grande parte do seu tempo. Se os pais, juntamente com a escola, possuírem uma boa relação, estarão, dessa maneira, conseguindo dar continuidade aos estímulos fora da clínica.

Até o presente momento não existe cura para o autismo. Existem terapias que funcionam muito bem para o melhor desenvolvimento da criança, pois são baseadas em tratamentos comportamentais, que têm como objetivo a eliminação de comportamentos não funcionais, a independência e autonomia do indivíduo.

Dessa maneira, temos algumas terapias como a ABA, que possui evidências científicas e é considerada eficaz, sendo muito utilizada em tratamento de pessoas com TEA, pois ajuda nos comportamentos sociais, funcionais e aprimora o contato visual. Já o Modelo Denver de Intervenção Precoce possui também uma comprovação científica de que potencializa o desenvolvimento de crianças com o autismo, onde existe uma prioridade para a elaboração das interações sociais da criança, a espontaneidade e habilidade de envolvimento com as demais pessoas.

O TEACCH, por sua vez, tem como base a metodologia em que todas as crianças com autismo podem sim aprender, independentemente de suas particularidades. Já os PECS ou sistema de comunicação através de figuras são uma forma de ensinar as crianças com autismo a aprender através da troca de figuras. Os exemplos citados são comprovados cientificamente como ajuda para um tratamento adequado, pois eles buscam suavizar os sintomas do transtorno. (Gaiato, 2019).

3. O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO NA FAMÍLIA

Desde o momento em que uma mulher descobre que está grávida, são criadas inúmeras expectativas sobre essa criança. Durante a gestação, os pais criam diversos planos e sonhos para o futuro do seu filho. Quando a criança nasce e não se desenvolve como esperado pelos marcos do desenvolvimento, algo muito importante para as fases dessa criança, surge uma desconfiança. Gaiato e Teixeira afirmam que (2018, p.56): "[...] existem marcos importantes do desenvolvimento infantil que precisam ser respeitados, e, caso a criança apresente atrasos, ela precisa ser avaliada criteriosamente por uma equipe médica especializada". Diante disso, geralmente os responsáveis passam a ter certa resistência em aceitar o que podem ser sinais de algum transtorno, e, geralmente, não estão preparados para receber um diagnóstico de autismo do seu filho. Dessa forma,

A partir do momento em que se observa uma diferença na padronização do desenvolvimento de um filho, trazendo a possibilidade de um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), os pais, como forma de resistência, geralmente não consideram esse diagnóstico como verdade. Ao contrário, por meio da negação, acabam tentando ocultar para si mesmos a realidade que está por ser manifesta. E, quando essa verdade vem à tona, o que resta aos pais é um potente impacto que desestruturará suas bases emocionais, causando-lhes irreparáveis estendidos a família. Terão de unir forças para se estabilizar e enfrentar os desafios futuros e, de alguma forma, conviver com esse transtorno. (Vidal; Andrade; Silva, 2021, s/p).

É perceptível que o diagnóstico é um grande impacto que a família sofre, por ser algo que estava fora de cogitação dos planos. Os pais podem entrar em estado de negação e os diversos sentimentos que se manifestam são reações inevitáveis, pois, em muitos casos, os responsáveis não possuem um conhecimento sobre o assunto e ficam presos a informações falsas. Geralmente, isso leva as mães a se culparem, o que infelizmente ainda é muito presente na sociedade. E nessa linha de pensamento Silva, Gaiato e Reveles (2012 s/p) argumentam que: "(...) a mãe, alvo de muitas críticas da sociedade, é a primeira a se culpar (...)". Pela falta de informações sobre o transtorno, as pessoas fazem os seus julgamentos totalmente desagradáveis e sem pensar que isso pode prejudicar ainda mais esse vínculo.

A família passa por dias difíceis após esse diagnóstico, por ser algo

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

desconhecido (o medo assusta), e, de certa forma, leva à negação. Mesmo havendo essa desconfiança, os pais não querem cogitar essa possibilidade, devido a diversas idealizações e expectativas que foram criadas e, quando acontece essa ruptura do filho que foi tão desejado, entram em processo de negação e conseqüentemente a culpa. Assim, transbordam em um turbilhão de sentimentos que precisam de tempo para serem digeridos. O problema é que esse processo de negação dos pais pode demorar um pouco, levando ao atraso do tratamento e, assim, podendo prejudica-lo.

Outro fator existente muito presente é o de tentar esconder o diagnóstico do restante da família, e das demais pessoas do núcleo de convivência, pois, para os pais, é uma forma de negar a si e as outras pessoas que o seu filho possui o transtorno, o que dificulta ainda mais o processo de aceitação na família. Como também sempre buscar justificar o comportamento da criança, e que logo passará como se fosse apenas uma fase.

Ao contrário do que se pensa, a não aceitação não é apenas do pai e da mãe. Geralmente, em muitas famílias, isso agrega a todo o seu núcleo, o que torna ainda mais difícil esse processo, visto que as pessoas que deveriam dar o suporte e apoio nesse momento se recusam a aceitar e, em alguns casos, procuram um culpado ou então colocam que é apenas coisa da cabeça dos pais. Ponte e Araújo (2022, p. 8), em suas falas, relatam sobre esse momento.

A incredulidade da família quanto ao diagnóstico do filho é outra vertente da experiência da descoberta do diagnóstico de TEA. Esta realidade favorece que o luto pela criança idealizada seja vivido também por outros membros da família, que não aceitam o diagnóstico e se mostram resistentes ao tratamento, realidade que impacta na vivência maternal dessas mães.

O transtorno é amplo e diversificado, variando cada caso, o que acaba por tornar ainda mais difícil esse momento para a família, o qual é marcado por dúvidas e insegurança. A ajuda de toda a família, nesse momento, é enriquecedora e fundamental. Por ser um momento incompreensível por alguns, é necessário que, mesmo diante desse impacto, não se deixem abalar e busquem forças para começar as terapias da criança. Visto que, ter a ajuda das demais pessoas nesse processo é importante, e principalmente quando o restante dos parentes nega o autismo. É

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

essencial que todos busquem compreender e aceitar o transtorno para o melhor desenvolvimento do indivíduo. A não aceitação por parte dos demais membros da família fica perceptível durante esse relato

A minha família não aceita até hoje. Eles ficavam em cima de mim, dizendo que não. Que eu, como uma fono, não podia dizer isso (...). E aí eu tenho que aceitar né?! É minha família. E nessa parte, foi horrível, porque os meus familiares foram em cima de mim mesmo. “Tu és louca, tu sempre botaste na cabeça que teu filho tinha alguma coisa, tá vendo? (...) a minha mãe é médica e trabalha pra caramba, então quase não vê meu filho. Ela não acredita de jeito nenhum. Só posso contar com o meu marido, mas sei que no fundo ela sabe e não quer acreditar. É o luto dela, né?! Ela é vó também. (Ponte; Araújo, 2022, p.8).

O cuidado que os pais receberão nesse momento resultará em uma maior dedicação voltada para a criança. A intervenção precoce é de suma importância, pois faz muita diferença no tratamento da mesma, observações mais cuidadosas, o respeito e a empatia, são fatores fundamentais para que essa criança cresça em um ambiente saudável, e estruturado, o que repercutirá positivamente no seu desempenho.

É necessário que a família, mesmo diante dessa ruptura e quebra de expectativas, compreenda esse transtorno, e veja que pode ser relativamente simples quando se está disposto a se colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. E talvez seja esse o maior dos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele (Silva; Gaiato; Reveles, 2012). Nesse contexto, faz-se necessário que aconteça a aceitação do diagnóstico e do autismo o mais rápido possível. É importante que o profissional que repasse essa informação esteja preparado e capacitado para tal função, havendo a necessidade desta notícia ser fornecida de forma objetiva e empática. Barbosa e Pimenta (2018, p.5) afirmam que:

A forma como o médico realiza o diagnóstico é determinante para a contribuição desse processo, fornecendo as informações necessárias, superando a superficialidade das informações do senso comum, revelando que apesar dos déficits no seu desenvolvimento a criança terá possibilidades de se desenvolver de acordo com o nível de autismo diagnosticado.

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

No momento, é importante que os pais sejam informados que, através de estímulos, intervenções e dos profissionais que acompanharem a criança, ela pode se desenvolver. O diagnóstico de autismo causa muita oscilação em toda a estrutura familiar, mas é importante que a criança receba todo apoio, que sejam feitas todas as intervenções adequadas, e que esta esteja cercada de pessoas que transmitam segurança.

É um processo muito difícil e complicado para muitas famílias, ter essa “perda do filho” que foi idealizado e desejado. É importante que, mesmo com o novo, e com o impacto que ele traz, os pais consigam aceitar e enxergar o seu filho além do transtorno. Portanto, é preciso ter um olhar mais empático com as famílias de crianças autistas. É importante que os profissionais tenham responsabilidade e empatia no momento de revelação, pois o impacto do diagnóstico de autismo para uma família é intenso e interfere bastante nos próximos passos.

4. A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO AUTISTA: em interface com a inclusão

O convívio com os demais estudantes típicos e atípicos na escola regular é uma das principais lutas de famílias que tem crianças com autismo. O TEA, por apresentar prejuízos na comunicação e na interação social, necessita um pouco mais de atenção por parte dos professores e demais profissionais. Faz-se fundamental buscar entender como a natureza e as características do transtorno podem influenciar no ambiente escolar, desde os espaços físicos até às pessoas que trabalham com a educação, uma vez que para que a pessoa com necessidade específica ser inserida na escola é necessário pensar sobre o currículo e as práticas pedagógicas que são fundamentais para inclusão dessa criança. (Pereira e Brito 2022)

Dessa forma, é necessário que a escola esteja pronta para receber esse aluno autista, que esteja adaptada, oferecendo os melhores recursos. É necessário pensar sobre esse professor na sua formação, no seu preparo, pois o mesmo precisa estar

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

apto para enfrentar as diversas realidades existentes na sala de aula. É importante que o docente busque ter uma formação continuada, que participe de palestras de diversos temas, para não ficar preso apenas à sua formação. Sobretudo, cabe à escola proporcionar meios para que o seu corpo docente esteja capacitado para tais diversidades. Analisar e observar as dificuldades das crianças não é fácil, e principalmente no caso do autismo, por ser tão diversificado e variar os sinais de pessoa para pessoa.

Este professor se encontrará diante de alunos com uma gama de comportamentos tão incomuns, tão complexos e na maioria das vezes imprevisíveis, que muitas das teorias e “fórmulas mágicas” possivelmente cairão por terra, levando-o a se colocar inúmeras vezes na condição de aprendiz para poder garantir mais tarde a posição de docente. E ainda assim, um profissional privilegiado como poucos, pois raramente a vida lhe proporcionará outra oportunidade como esta, tão difícil, tão assustadora, tão desafiante e ao mesmo tempo tão rica, tão comovedora e tão fascinante. A chance de se tornar, em muitos casos, o maior intermediador entre o estar aqui e o viver aqui de muitos seres humanos. (Freire, 2005).

O Transtorno do Espectro Autista é muito amplo, o que torna importante à criança ter um acompanhamento multidisciplinar, para de certa forma ajudar o professor a desenvolver e entender o que o aluno precisa.

Dentro desse contexto, os programas terapêuticos devem incluir a intervenção no contexto escolar, juntamente com a orientação de professores e o uso de acompanhante terapêutico supervisionado pelo profissional responsável pelo caso. Esse procedimento é necessário para que estes caminhem juntos, de forma que o objetivo de ambos seja o desenvolvimento desse indivíduo (Gaiato e Teixeira, 2018).

Diante disso, é fundamental ter uma ótima relação entre o professor e o estudante autista, visto que é algo em que o docente irá aos poucos conquistar a sua confiança e, a partir disto, poderá conhecer o seu aluno, e assim conseguir caminhar junto com a equipe multidisciplinar. Ressalta-se que é essencial obter essa posição de segurança tanto para a criança quanto para a família. Ser um docente que

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

compreenda as particularidades, que saiba ser abrigo e que apesar das dificuldades existentes que continue acreditando no crescimento e desenvolvimento do seu discente.

Tornar-se significativo para o seu aluno autista será, sem dúvida, o primeiro grande desafio e o mais difícil dos objetivos a ser alcançado. Será sua primeira conquista e se tornará a mais importante vitória, pois, por muitas vezes, somente assim, com você e através de você professor, é que se abrirá para este aluno um universo de possibilidades, de interesses, de descobertas, de experimentações, de vivências, de emoções, de sensações boas ou não, de conhecimentos e aprendizagens adequadas ou não e de tantas outras coisas que a vida proporciona, fazendo assim ser fundamental conquistar a confiança desse aluno, para assim experimentar os mais diversos sentimentos (Freire, 2005).

Os professores possuem um papel fundamental na vida de seus alunos, e devem ser docentes que manifestam proteção e tranquilidade, tornando assim suas aulas tanto divertidas como também inclusivas. A inclusão desses alunos autistas é uma das maiores preocupações dos seus pais, pois infelizmente a sociedade possui ainda um prejulgamento em relação a pessoas com necessidades específicas. Em decorrência disso, cabe à escola, juntamente com o professor, tornar esse espaço um ambiente seguro em que essas crianças se sintam incluídas.

A inclusão de pessoas com necessidades específicas deve acontecer tanto dentro como fora da escola, e diante disso, os docentes, através dos seus conhecimentos, podem contribuir para que isso aconteça. Mediante a grande responsabilidade que é posta sobre os professores, é essencial que a escola ofereça apoio tanto psicológico como incentivador, pois, apesar de ser um percurso em que ambos devem percorrer juntos, de certa forma, são os docentes que passam a maior parte do tempo com as crianças. Sendo que também é preciso da presença dos pais e da confiança participando junto com a equipe do ambiente escolar para que de fato aconteça a inclusão.

A partir desse panorama, percebe-se como a inclusão se faz importante diante

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

da aceitação do diagnóstico do autismo e, como todo esse processo, ele pode fazer parte do imaginário dos pais, tanto como uma expectativa de que essa criança venha a ser inserida, como das ansiedades e barreiras que o indivíduo pode vir a apresentar. E, dessa forma, ter professores que acreditem nessas crianças.

É essencial que em sala de aula o professor seja amigo, que mesmo diante das crises do aluno procure ser calma, para que dessa forma possa extrapolar os objetivos da aprendizagem acadêmica e experimente diariamente o prazer de mostrar a este aluno que ele pode “usá-lo”. Não somente para abrir a porta de uma geladeira, para aprender como se usa o banheiro, que não se come papel ou giz de cera, que existe o vermelho e o azul, o quadrado e o círculo, que o sol que brilha lá fora nos mostra que é dia e nos aquece, que quando cai à noite vem à lua que também nos encanta que a chuva molha, mas que existem inúmeras maneiras de nos protegermos dela, que o riso é sinal de alegria e tantas outras coisas, mas principalmente ensinar a ele que “aquela mulher e aquele homem” tão aparentemente iguais no meio dos outros, são seu papai e sua mamãe (Freire, 2005).

Assim, percebe-se o quanto ter uma boa relação com os seus alunos é algo positivo para ambos. É compreensível que, para conseguir a confiança de crianças autistas, esse processo será um pouco mais difícil, pois é algo que sai um pouco da sua rotina pelo fato de ser novas pessoas. É importante que o professor consiga criar esse laço afetivo para ajudar no desenvolvimento do aluno e conseguir estimulá-lo sempre que possível.

O ser professor vai muito além de apenas repassar o conhecimento. É sobre ser alguém em quem os seus alunos se espelham, e, além de transmitir o assunto, é mostrar que o seu colo e o abraço trazem conforto para sua dor, que a nossa segurança pode fortalecer suas dúvidas, e que a nossa firmeza pode desbancar seus medos, que a nossa disponibilidade sempre traz a possibilidade de trocas mesmo que sejam mínimas. Que o nosso olhar sempre encontra o dele mesmo que fugazmente, e assim seremos sempre os incentivadores da busca do equilíbrio, os facilitadores do encontro dele com ele próprio e com as outras pessoas, os criadores de infinitas

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

oportunidades de vivências cognitivas e afetivas, das quais ele tanto precisa para aprender a significar o mundo e principalmente a “se significar” dentro dele (Freire, 2005).

Dessa forma, compreende-se o quanto é importante ter uma boa relação entre o professor e aluno autista, para que o mesmo possa avaliar de perto o seu desenvolvimento e seus pontos fortes. Cabe ao docente se empenhar, pois, através disto, poderá mudar a vida dessa criança, sendo que a inserção dessa em um ambiente em que as pessoas a enxerguem será de grande valia na sua evolução. Dessa maneira, é necessário enfatizar ainda mais o quanto ter uma relação de amizade com o estudante facilitará esse processo, por isso que se deve ser ainda mais discutido e trabalhado essa relação entre ambos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho propôs-se analisar o quanto é importante ter um olhar para as famílias de crianças autistas, e, dessa maneira, buscar entender como é a realidade por trás de um diagnóstico de autismo e o quanto isso afeta uma família quando o recebe. Buscava-se, dessa maneira, compreender na medida do possível o desgaste que os responsáveis enfrentam nesse processo, sendo viável notar o quanto uma família bem estruturada pode ajudar no desenvolvimento de uma criança atípica.

Com isso, foi possível observar um pouco do processo de sondagem em busca desse diagnóstico, como também entender as novas adaptações da rotina da família e, assim, compreender os maiores desafios dos responsáveis e detectar as suas expectativas sobre o futuro escolar desses indivíduos.

O estudo permitiu compreender a importância de ter um olhar para as famílias dessas crianças, e o quanto é necessário que os responsáveis tenham uma rede de apoio e que busquem mais conhecimento a respeito do autismo, pois isso ajudará no desenvolvimento desse indivíduo. É necessário dar ênfase na importância de aceitação do transtorno até mesmo para a reestruturação desse lar. No entanto, foi possível perceber que isso nem sempre acontece da forma que se imagina e que o

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

choque inicial é enorme. Muitas vezes algumas famílias não sabem por onde começar, por isso que é necessário conhecer a realidade propriamente dita dessas famílias.

Retomando os objetivos específicos, percebemos que foi indispensável conhecer essa sondagem para obter um diagnóstico, no qual muitas famílias ainda enfrentam muitas dificuldades. Dentre elas, as citadas pelas mães demonstram experiências variadas como: em alguns casos foram rápidos, ao contrário da demora relatada por outra no diagnóstico após seis anos, como também algumas participantes não queriam enxergar a realidade do seu filho.

Partindo desse pressuposto, o último objetivo específico buscou investigar as expectativas escolares desses alunos com TEA, o que é importante ser analisado para entender como é a realidade e as preocupações que afligem as famílias quando esse momento chega. E foi possível perceber através das respostas que, em relação a isso, as participantes possuem muito medo da discriminação e preconceito que essas crianças possam sofrer, se tornando essa uma das maiores apreensões, juntamente com a inclusão dessas crianças.

Nesse sentido, em resposta ao objetivo geral do estudo, que foi analisar como se dá o processo de aceitação familiar sobre o diagnóstico de autismo em interface com a relação do professor com esse aluno autista, é possível depreender que a aceitação, em alguns casos, é bastante complicada e difícil, e, mesmo surpreendendo com as respostas de alguns participantes, é um momento cheio de anseios que são vividos por diversas famílias todos os anos, e as mães buscam sempre por um professor que seja inclusivo e que acredite no potencial do seu filho.

Consideramos que o conhecimento acerca da realidade dessas famílias com crianças com autismo precisa ser apresentado para a sociedade, para que através desses estudos as pessoas possam ser mais empáticas, e, que os familiares perceberem o quanto uma família que possui uma rede de apoio ajuda no desenvolvimento da criança. Dessa forma, é importante ter mais conhecimento sobre o transtorno e buscar por ambientes inclusivos.

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

Concluimos essa amostra com a afirmação que as mães têm se esforçado, dedicando-se aos seus filhos, e que embora muitas vezes aceitar o diagnóstico seja difícil, essas oferecem sempre o seu amor e empenho para o melhor desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOSA, J. P. da S.; PIMENTA, H. F. O autismo no ambiente familiar e a interação família-escola: um estudo de caso. Anais III CINTEDI. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/44817>. Acesso em: 20 set. 2023.

FREIRE, Lucia Helena Vasconcelos. Transtornos invasivos do desenvolvimento. In: CAMARGOS JR, W. et al. Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3 milênio. 2. ed. Brasília: Corde, 2005.

GAIATO, M; TEIXEIRA, G. O Reizinho Autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. São Paulo: nVersos, 2018.

GAIATO, Mayra. S.O.S. autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: nVersos, 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORESI, E. (org). Metodologia da Pesquisa. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

PEREIRA, G. T. M.; BRITO, W. A. de. Inclusão Escolar e o Transtorno do Espectro Autista. Apae Ciência: v. 17 n. 1, p. 34 – 48, 2022. DOI: 10.29327/216984.17.1-5.

Disponível em: <https://apaeciencia.org.br/index.php/revista/article/view/123>. Acesso em: 25 set. 2023.

PONTE, A. B. M. da; ARAUJO, L. da S. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. Rev da Nufen, Belém, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912022000200010&lng=pt&nrm=iso><http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912022000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2023.

SILVA, A. B. B; GAIATO, M. B; REVELES, L. T. Mundo singular - Entenda o Autismo. 1 ed.

Um estudo sobre o diagnóstico do autismo: entre a idealização da criança perfeita e as expectativas para o futuro escolar

Caíla Feitosa de Oliveira e Fabrícia Gomes da Silva

Rio de Janeiro: Editora Fontana, 2012.

TEIXEIRA, N. F. Metodologias de pesquisa em educação: possibilidades e adequações. Caderno pedagógico, Lajeado: v. 12, n. 2, p. 7-17, 2015.

VIDAL, A. de J.; ANDRADE, I. S. de; SILVA, G. H. da. O luto familiar pelo diagnóstico do transtorno do espectro autista na visão psicanalítica. Rev Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 7, p. 1456–1464, 2021. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/1834>. Acesso em: 10 out. 2023.